

CARTAS VERDE-AMARELAS: NACIONALISMO E UNIVERSALISMO NO DISCURSO EPISTOLAR DE MÁRIO DE ANDRADE E CARLOS DRUMMOND

Maria Regina Barcelos Bettiol¹

Carlos, devote-se ao Brasil, junto comigo. Apesar de todo o ceticismo, apesar de todo o pessimismo e apesar de todo o século XIX, seja ingênuo, seja bobo, mas acredite que um sacrifício é lindo. (...) Eu não amo o Brasil espiritualmente mais do que a França ou a Cochinchina. Mas é no Brasil que me acontece viver agora e só no Brasil eu penso e por ele tudo sacrifiquei. A língua que escrevo, as ilusões que prezo, os modernismos que faço são pro Brasil.

10 de novembro de 1924
Mário de Andrade

Detesto o Brasil como ambiente nocivo à expansão do meu espírito. Sou hereditariamente europeu, ou antes: francês. Amo a França como um ambiente propício, etc. Tudo muito velho, muito batido, muito Joaquim Nabuco. Agora eu acho indecente continuar a ser francês no Brasil, tenho que renunciar à única tradição verdadeiramente respeitável para mim, a tradição francesa.

22 de novembro de 1924
Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Durante o seu produtivo diálogo epistolar com o poeta Carlos Drummond, observamos que Mário de Andrade defendeu um tipo de interpretação da Literatura Brasileira diferente do que se preconizava no início do século XX. Em outras palavras, enquanto Drummond vivia num dilema entre produzir uma literatura “dita nacional” que privilegiasse apenas os aspectos locais ou seguir

¹ Maria Regina Barcelos Bettiol é graduada em Letras pela PUC-RS (1994). Mestre em Literaturas Francesa e Francófonas pela UFRGS (1998). Doutora em Letras (Littérature Générale et Comparée) pela Université Sorbonne Nouvelle Paris III (2008) e Doutora em Letras (Literatura Comparada) pela UFRGS (2008). Pós-doutorada em Teoria da Literatura pela Universidade de Coimbra (2014). É Membro integrado do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Universidade de Lisboa. Cabe, informar ao leitor, que esse artigo foi produzido no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) durante o período de vigência da bolsa PNPd outorgada pela CAPES. Email: mrbettiol@yahoo.com.br.

um modelo de Literatura Brasileira inspirado em outras literaturas estrangeiras “ditas universais”, Mário defendia o que ele denominou de “nacionalismo universalista” que não se limitava apenas em imitar de forma acrítica outras literaturas estrangeiras, mas adequá-las à nossa realidade cultural. Para Mário, o “abrasileirar” a nossa literatura significava também enriquecê-la com o contributo estrangeiro procurando transformá-lo de forma consciente e criativa.

Palavras-Chave: cartas, nacionalismo, universalismo, interpretação.

Afeitos à arte da epistolografia, Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade trocaram cartas do período de 1922 até 1944. Naquele início de século XX, Mário de Andrade estava obstinado a “dar alma” à Literatura Brasileira, a marcar a nossa identidade cultural em relação às literaturas europeias. Ao contrário do tímido poeta e amigo mineiro Carlos Drummond de Andrade que nutria uma certa descrença em relação ao Brasil e à Literatura Brasileira, Mário insistia que era preciso construir a nossa própria tradição literária.

O debate entre os dois escritores, materializado no texto epistolar, convoca todos os escritores brasileiros a refletir sobre a fisionomia social do Brasil, a reavaliar nossa produção literária nacional, apontando a necessidade de incorporarmos a diversidade cultural do nosso país no panorama da Literatura Brasileira².

Nossa análise incide particularmente sobre uma carta escrita em 1924, carta esta de autoria de Mário de Andrade endereçada a Drummond, em que o escritor paulista disserta sobre os fundamentos do seu projeto estético para o Brasil demonstrando a sua interpretação da Literatura Brasileira, do que nomeou de modelo nacionalista universalista delineando, assim, os rumos que a nossa literatura deveria trilhar. Essa carta de 1924, tornou-se emblemática para discutirmos a formação da Literatura Brasileira na perspectiva do espaço literário nacional e internacional.

O Dilema de Drummond

² Em 1942, Clodomir Vianna Moog retoma, em certa medida, alguns dos questionamentos de Mário de Andrade através da sua famosa conferência *Uma interpretação da literatura brasileira* onde propôs a interpretação da Literatura Brasileira por ilhas culturais, ou se preferirmos, por regiões culturais, levando em consideração a diversidade cultural do nosso país que deveria ser incorporada no panorama da Literatura Brasileira. Ler MOOG, Vianna. *Uma interpretação da literatura brasileira*. Um arquipélago cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Antares; Brasília: INL, 1983.

No século XIX, com a independência política, era preciso forjar uma nação, a Literatura Brasileira que durante séculos foi subordinada politicamente a Portugal, precisava encontrar uma definição coletiva, comprovar a sua legitimidade, a sua existência, existia uma espécie de ânsia dos escritores brasileiros em igualar a Literatura Brasileira às grandes literaturas europeias.

Mário de Andrade, por sua vez, tinha uma outra percepção em relação à forma como o nosso sistema literário deveria se desenvolver. Em outras palavras, Mário de Andrade criticou abertamente o francesismo exagerado de Drummond³, admirador incondicional de Anatole France, e a também exagerada influência da tradição literária francesa em nossas letras⁴:

Devo imenso a Anatole France que me ensinou a duvidar, a sorrir e a não ser exigente com a vida”, mas meu caro Drummond, pois você não vê que é esse todo o mal que aquela peste amaldiçoada fez a você! (...) Você diz que ele ensinou você a não ser exigente com a vida... Como isso! se você confessa ser um inadaptado e tem um errado desprezo pelo Brasil e os brasileiros. O mal que esse homem fez a você foi torná-lo cheio de literatices, cheio de inteligentices, abstrações em letra de fôrma, sabedoria de papel, filosofia escrita. (ANDRADE, 2015, p.30-31)⁵

Entretanto, vale lembrar que o dilema de Drummond foi um dilema vivenciado por toda uma geração de escritores brasileiros que no início do século XX, sofriam de uma doença denominada por Brito Broca de *parisina*⁶, isto é, viviam “intoxicados” de Paris, tinham a literatura e a civilização francesa como um modelo a ser seguido⁷.

³ Devemos informar ao leitor que essa carta de 1924 aparece sem data.

⁴ Em 31 de março de 1940, Mário de Andrade (1993, p.170) escreveu no *Diário de Notícias* mais um artigo criticando esse francesismo exagerado. Ler ANDRADE, Mário. *Vida Literária*. São Paulo: Hucite:Edusp, 1993.

⁵ ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo*: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁶ Segundo Brito Broca (1960, p.91), no Brasil de 1900, a nossa intelectualidade era intoxicada pelo que costumava chamar de *parisina*, uma espécie de *droga* que fazia com que os nossos Homens de Letras delirassem, sonhassem, vestissem e escrevessem conforme as receitas parisienses. BROCA, Brito. *A vida literária: 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

⁷ A exemplo de Mário de Andrade, Euclides da Cunha também nunca foi subserviente em relação às culturas estrangeiras. Em poucas palavras, Euclides desejava visitar Paris para ensinar aos franceses a história da nossa civilização e não para aprender simplesmente literatura e cultura francesa, como faziam seus pares. Nesse sentido, a proposição de Euclides é ousada para aquela época, já que estava a estimular um intercâmbio cultural entre as duas civilizações, e não apenas a assimilar a cultura estrangeira. Ler BETTIOL, Maria Regina Barcelos e HOHLFELDT, Antonio (ORGS). *Euclides da Cunha, intérprete do*

Ainda na mesma carta, Mário de Andrade questionou o conceito de paisagem empregado por Drummond em seu texto e destacou o erro em tentarmos enquadrar a vida nacional no ambiente universal sem fazermos uma reflexão mais profunda da nossa cultura:

Pessoalmente acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados (...) As “paisagens incultas” de que falas. A paisagem não existe propriamente porque é um estado de alma. A mesma paisagem nos parece bela num passeio e indiferente num negócio. A paisagem é inculta dum modo geral, não há dúvida. Mas pra você ela é inculta em relação à Gare d’Orsay e aos bouquins que o sr. Anatole France escarafunchava nos cais horas a fio, pra depois arranjar-lhes a literatura. A mesma paisagem que você desgosta deu-me horas de intensa felicidade. “O que todos nós queremos (o que pelo menos imagino que todos queiram) é obrigar este velho imoralíssimo Brasil dos nossos dias a incorporar –se ao movimento universal das ideias. Ou, como diz Manuel Bandeira, “enquadrar, situar a vida nacional no ambiente universal, procurando o equilíbrio entre os dois elementos. (ANDRADE,2015, p.31-32)

Na verdade, Mário percebeu que Drummond trabalhava com uma certa imagem prévia do Brasil, com uma ideia que vinha sendo propagada no imaginário coletivo desde os textos da colonização. Em poucas palavras, o escritor paulista esclareceu ao amigo mineiro que a paisagem é ficcional, que ela pode ser redescoberta e ressimbolizada e apontou o que qualificou de “erro universalizante”, ou seja, essa tendência para universalizar uma ideia, uma obra, um sistema literário numa espécie de integração forçada, buscando no particular conclusões generalizantes. Na perspectiva de Mário de Andrade era um erro tentar enquadrar a nossa literatura dentro dos padrões do sistema literário internacional sem preservar as nossas características individuais, a nossa identidade cultural.

O ápice da discussão foi a questão do dilema vivenciado por Drummond que oscilava entre escolher o modelo nacionalista ou o modelo universalista a ser aplicado ao contexto da Literatura Brasileira. Para Mário, esse “apertado dilema” de Drummond não existia uma vez que o escritor paulista não fazia uma oposição rígida entre nacionalismo

Brasil: diário de um povo esquecido. Porto Alegre, EDIPUC, 2011. Disponível em <http://www.pucrs.br/edipucrs/>. Acesso em :25abril. 2016.

e universalismo, o que Mário defendeu foi uma corrente de pensamento denominada por ele de “nacionalismo universalista⁸”:

Mais adiante você fala em “apertado dilema: nacionalismo ou universalismo. O nacionalismo convém às massas, o universalismo convém às elites.” Tudo errado. Primeiro: não existe essa oposição entre nacionalismo e universalismo. O que há é mau nacionalismo: o Brasil pros brasileiros-ou regionalismo exótico. Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: Ser. Ninguém que seja verdadeiramente, isto é, viva, se relaciona com o seu passado, com as suas necessidades imediatas práticas e espirituais, se relaciona com o meio e com a terra, com a família etc, ninguém que seja verdadeiramente, deixará de ser nacional. (ANDRADE,2015, p.32-33)

Ao retomar a questão do despaisamento citada por Drummond, Mário explicou ao amigo que esse sentimento experimentado pelo poeta foi provocado pela nossa macaqueação. Dito de outra forma, o despaisamento é fruto de um passado de dependência política e cultural⁹ que tende a se perpetuar e que não se rompe de um dia para o outro mas que poderá, pouco a pouco, ser rompido pelas novas gerações:

O despaisamento provocado pela educação em livros estrangeiros, contaminação de costumes estrangeiros por causa da ingênita macaqueação que existe sempre nos seres primitivos, ainda, por causa da leitura demasiadamente pormenorizada não das obras-primas universais dum outro povo, mas das suas obras menores, particulares, nacionais, esse despaisamento é mais ou menos fatal, não há dúvida, num país primitivo e de pequena tradição como o nosso (...) É preciso começar esse trabalho de abasileiramento do Brasil. (ANDRADE,2015,p.33)

⁸ Apenas para recordarmos, no ano de 1924, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado fundaram o Movimento Verde-Amarelo (ou Verde-Amarelismo), de tendência nativista, em oposição ao "nacionalismo afrancesado" de Oswald de Andrade. Embora esse movimento tenha alguns pontos de convergência com o nacionalismo preconizado por Mário de Andrade como ,por exemplo ,a proposição do uso da linguagem coloquial, devemos lembrar que o movimento Verde-Amarelo era de tendência fascista, pregava a composição de textos patrióticos, ufanistas. A proposta do nacionalismo universalista de Mário é diferenciada. Ler a esse respeito GOMES, Marisa e JOSÉ, Amilton. *O modernismo heroico dos anos 20 e o regionalismo dos anos 30*. Disponível em : <http://www.seara.uneb.br/sumario/alunos/marisagomeseamiltonjose.pdf>. Acesso em: 25abril.2016.

⁹Anos mais tarde, Antonio Candido aprofundou essa questão em seu ensaio Literatura e subdesenvolvimento. CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

Mário de Andrade sempre foi reticente à essa utopia universalizante que tenta apagar as marcas da diferença entre as nações, tampouco estabeleceu uma hierarquia, entre a cultura erudita e a cultura popular. Na concepção de Mário, os brasileiros deveriam tentar preservar a sua identidade cultural sem cair na armadilha de uma tradição universalizante¹⁰:

Porque também esse universalismo que quer acabar com as pátrias, com as guerras, com as raças etc, é sentimentalismo de alemão. Não é pra já. Está longuíssimo. Eu creio que nunca virá. A República Humana, redondinha e terrestre, é uma utopia de choramingas e nada mais. Avanço mesmo que enquanto o brasileiro não se abrigar, é um selvagem. (ANDRADE,2015, p.33)

Neste processo de invenção de uma tradição, o mimetismo feito de forma acrítica, isto é, não elaborada, é pura ilusão, torna-se prejudicial ao nosso sistema literário e, em termos de criação, não nos insere efetivamente no contexto do espaço literário internacional. Prossegue Mário de Andrade:

Nós imitando ou repetindo a civilização francesa ou alemã, somos uns primitivos, porque estamos ainda na fase do mimetismo. Nossos ideais não podem ser os da França¹¹ porque as nossas necessidades são inteiramente outras, nosso povo outro, nossa terra outra etc. Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo pra fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais (...). Ninguém se liberta duma vez das teorias avós que bebeu. (ANDRADE,2015, p.34)

Resumidamente, Mário sabia que o mimetismo feito de forma consciente engrandece a Literatura Brasileira, ele tinha plena consciência de que a nossa literatura se fez dentro e fora do território nacional, de que a Literatura Brasileira ao imitar outras literaturas estrangeiras se enriqueceu, e continua a se enriquecer, o que o escritor paulista

¹⁰ Pensadores como Deleuze e Guattari também sublinham os perigos dessa armadilha de uma tradição universalizante. Sobre esse assunto ler DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 1991.p.154-188.

¹¹ Vale lembrar que nos jornais e revistas da época os escritores franceses eram os mais traduzidos. Os autores ingleses e alemães, quando lidos, chegavam ao público a partir de traduções francesas, geralmente de romances do tipo popular. A esse respeito ler CARELLI, M. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Tradução Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1994.

sugeriu foi apenas que todo esse contributo, essa herança universal fosse digerida e transformada de forma crítica e criativa, a consciência desse processo de formação de uma literatura nacional era algo que, na visão de Mário de Andrade, todos os escritores brasileiros deveriam estar atentos¹².

A Criação de Uma Língua Literária

Com refinamento teórico que lhe era peculiar, Mário de Andrade propôs naquele momento histórico em que se correspondia com Drummond, a reinvenção das formas de pensar o nacional, para Mário de Andrade a criação de uma língua literária seria o embrião para o desenvolvimento de uma Literatura Nacional Brasileira.

Podemos constatar não apenas em sua correspondência com Drummond, mas na leitura do conjunto da obra mariodeandradiana, que a nação deveria ser inventada¹³, criada a partir das projeções de desejos coletivos e que o seu conceito de nacionalismo é muito mais cultural do que propriamente político. O nacionalismo é historicamente impossível sem o surgimento do nacionalismo linguístico, questão esta que Mário de Andrade discutiu sistematicamente com os destinatários das suas cartas.

Em 18 de fevereiro de 1925, o escritor paulista advertiu Drummond sobre o trabalho que deveria ser feito em relação à língua nacional, teve a preocupação em definir claramente a sua posição em relação à Literatura Brasileira que era produzida naquele período:

Mas no Brasil o sr. Carlos Drummond diz “cheguei em casa”, “fui na farmácia,” “vou no cinema” e quando escreve veste um fraque debruado de galego, telefona pra Lisboa e pergunta pro ilustre Figueiredo¹⁴. Como é que está dizendo agora no Chiado: é “chega na estação” ou “chega à estação”? E escreve o que o sr. Figueiredo manda. E assim o

¹² Ler BETTIOL, Maria Regina Barcelos. Mário de Andrade e a História da Literatura Brasileira: Um Convite ao Revisionismo. IN: *Anais do XI Seminário Internacional de História da Literatura: perspectivas e limiares em história da literatura* (ORG) MOREIRA, Maria Eunice [et al]. Porto Alegre: EDPUC, 2016. Disponível em : <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sihl/assets/2015/54.pdf>.

¹³ Para Benedict Anderson (2008, p.190): A língua é que dá coesão a este “espírito nacional” onde o mais importante quanto à língua é sua capacidade de gerar comunidades imaginadas, efetivamente construindo solidariedades particulares, pois a língua não é um instrumento de exclusão. Ler ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁴.Mário de Andrade está se referindo ao famoso Antônio Cândido de Figueiredo (1846-1925), uma autoridade em lexicologia portuguesa.

Brasil progride com Constituição anglo-estadunidense, língua franco-lusa e outras alavancas fecundas e legítimas. (ANDRADE,2015,p.44)

A luta pela criação de uma língua literária brasileira, foi uma das bandeiras defendidas por Mário de Andrade, o escritor procurou quebrar uma estrutura hierárquica que ordenava o universo literário brasileiro naquele período:

Não estou cultivando exotismos e curiosidades de linguajar caipira. Não. É possível que por enquanto eu erre muito e perca em firmeza e clareza e rapidez de expressão. Tudo isso é natural. Estou num país novo e na escuridão completa de uma noite. Não estou fazendo regionalismo. Trata-se duma estilização culta da linguagem popular da roça como da cidade, do passado e do presente. É uma trabalhadeira danada que tenho diante de mim. É possível que me percamos que o fim é justo ou ao menos justificável e que sério, vocês podem estar certos disso. Não estou pitorescando o meu estilo nem muito menos colecionando exemplos de estupidez. O povo não é estúpido quando diz “vou na escola”, “me deixe”, “carneirada”, “mapear”, “besta ruana”, “farra”, “vagão”, “futebol”. É antes inteligentíssimo nessa aparente ignorância porque sofrendo as influências da terra, do clima, das ligações e contatos com outras raças, das necessidades do momento e de adaptação, e da pronúncia, do caráter, da psicologia racial, modifica aos poucos uma língua que já não lhe serve de expressão porque não expressa ou sofre essas influências e a transformará afinal numa outra língua que se adapta a essas influências. (ANDRADE,2015, p.45)

Em 20 de abril de 1925, Mário de Andrade escreveu uma carta aberta a Alberto de Oliveira defendendo o seu projeto de criação de uma Literatura Brasileira mais criativa, de uma arte nacional no sentido de uma arte misturada com a vida:

Imitamos, não têm dúvida. Porém não ficamos na imitação. A distância em que estamos hoje da Europa é estirão tão grande que nem se vê mais Europa. Quasi. Temos mais que fazer. Estamos fazendo isto: Tentando. Tentando dar caráter nacional práns nossas artes. Nacional e não regionalista. Uns pregando. Outros agindo. Agindo e se sacrificando conscientemente pelo que vier depois. Estamos reagindo contra o preconceito da forma. Estamos matando a literatice. Estamos acabando com o domínio espiritual da França sobre nós. Estamos acabando com o domínio gramatical de Portugal. (ANDRADE, 1981, p.99)

Obviamente, Mário de Andrade sabia que a língua é determinante para autonomia de uma literatura, o abrasileirar é nacionalizar, uma língua literária tem o reconhecimento

universal que ele entende como sinônimo de culto.¹⁵ Incompreendido por tentar criar a língua brasileira, muitas vezes o escritor foi chamado de regionalista, o que não condiz com o seu projeto. A esse respeito costumava afirmar: “Estou tentando uma sistematização do falar brasileiro, sistematização e não à toa, em que uso termos e modismos de toda a parte do Brasil, e quanto a modismo geralmente uso os mais generalizados”. (ANDRADE, 2015, p.75)

Em 1 de novembro de 1927, Mário escreveu ao *Diário de Minas*, explicando, mais uma vez, que a adoção da língua portuguesa falada no Brasil, e sua recriação na escrita, não tinha a pretensão de criar uma língua que ninguém entendesse:

Nenhum de nós não tem a pretensão de criar uma língua que um português não possa entender. Não se trata de inventar uma fala de origem brasileira e inconfundivelmente original, não. Se trata apenas de uma libertação das leis portuguesas as quais, sendo leis legítimas de Portugal, se tornam preconceitos eruditos no Brasil por não corresponderem a nenhuma realidade e a nenhuma constância da entidade brasileira. Agora: como que a gente vai chamar isso? Chama de “língua brasileira” porque é fácil de compreender, porque é simples e obedece a essa tradição traço-eira e eterna com que os filhos, vinte e um anos chegando, se libertam legislativamente dos pais. Também a gente chama de café brasileiro uma frutinha bem-aventurada que de longe veio, é tal qual à que ficou longe, mas que dá-se bem no Brasil. Não a chama de café árabe- brasileiro ou coisa ruim. (ANDRADE, 2015, p.172)

Esse projeto de abasileirar o Brasil tão anunciado nas cartas, acaba transformando-se no romance *Macunaíma*. Nesse sentido, asseverou Mário a Drummond em 20 de fevereiro de 1927: “Meu *Macunaíma* nem a gente não pode bem dizer que é indianista. O fato dum herói principal de livro ser índio não implica que o livro seja indianista (...) O que procurei caracterizar mais ou menos foi a falta de caráter do brasileiro”. (ANDRADE, 2015, p.149)

Logicamente que o romance *Macunaíma* é um manifesto fundador de uma literatura nacional, não é por acaso que o romance de Mário de Andrade é chamado por Pascale Casanova (1998, p.400) de anticamões já que reivindica uma língua escrita brasileira distinta da língua de Camões, das convenções literárias e gramaticais de

¹⁵ No dizer de Casanova (1999, p.62) a língua é sempre nacional porque é necessariamente nacionalizada isto é, apropriada por instâncias nacionais como símbolo de identidade. Consultar CASANOVA, Pascale. *La République Mondiale des Lettres*. Paris :Seul, 1999.

Portugal, rompendo com uma dependência linguística em relação a Portugal e, mais amplamente, de uma dependência literária e cultural em relação à Europa.

No dizer de Casanova, embora Mário de Andrade nunca tenha viajado para a Europa, não foi um nacionalista ingênuo, ao marcar a diferença nacional inseriu a Literatura Brasileira no contexto internacional:

Il est le poète fondateur de l'espace littéraire brésilien en ce qu'il est le premier, avec l'ensemble de la génération moderniste, qui, revendiquant et créant une « différence » nationale, fait du même coup entrer l'espace littéraire brésilien dans le grand jeu international dans l'univers mondial de la littérature. (CASANOVA, 1999, p.400)

No livro *Brasil: Uma Biografia*, várias páginas são dedicadas a Mário de Andrade e ao seu projeto de abraçar o Brasil, seus textos são apontados como basilares para pensarmos e discutirmos a cultura brasileira. As autoras Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling sublinham que Mário não era um xenófobo, mas que convocava os brasileiros a descobrirem o Brasil, a conhecerem o seu país:

Macunaíma representava, assim, o resultado de um período fecundo de estudos e dúvidas sobre a cultura brasileira, incorporando traços de uma cultura não letrada, em que se inseriam indígenas, caipiras, sertanejos, negros, mulatos e brancos, muitos deles até então esquecidos nas artes nacionais. Mário, que nasceu e viveu em São Paulo, que nunca saiu do país, foi sem dúvida o personagem mais significativo nesse processo de “abrasileiramento do Brasil”. Não que ele fosse xenófobo, ou tivesse aversão a valores do estrangeiro. Seu fito era adquirir uma dicção própria, relacionando-se com as culturas e histórias de seu país. Mário de Andrade e seu livro restaram como ícones desse novo momento em que o Brasil começava a se entender e autofotografar. (SCHWARCZ & STARLING, 2015, p.339-340)

Esse convite do epistológrafo Mário de Andrade ao amigo Carlos Drummond de trabalhar a substância brasileira, o ser brasileiro na língua, na música, nas artes é um convite extensivo a todos os brasileiros¹⁶. Atualmente, a grande questão não é apenas discutir a Literatura Brasileira em nosso território, mas a sua difusão no espaço literário internacional.

¹⁶ BETTIOL, Maria Regina Barcelos. O colecionador Mário de Andrade e a defesa do patrimônio artístico nacional. In: *Revista Literatura & Debate Entre Textos e Partituras: Mário de Andrade e a Criação de uma Consciência Artística Nacional*. (ORG) BETTIOL, Maria Regina Barcelos e PORTO, Luana Teixeira, Frederico Westphalen, v. 9, n 16, p.57-68, Julho, 2015.

Se o mapa político nem sempre corresponde ao mapa cultural como dizia Valery Larbaud, hoje a economia tem uma forte influência sobre o nosso capital simbólico¹⁷, mas apesar do poder econômico ditar normas, um dos escritores brasileiros mais conhecidos e estudados no exterior é justamente o escritor Mário de Andrade que nunca foi um nacionalista extremado, mas que soube marcar a nossa diferença cultural e conquistar o seu lugar no espaço literário internacional.

Considerações Finais

As cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade são cartas que nos ajudam a retrair a história da Literatura Brasileira. O visionário Mário de Andrade teve um papel fundamental na consolidação da Literatura Brasileira ao repensar a sua formação, a sua relação com o mundo literário internacional. Esse diálogo epistolar entre Mário e Drummond, carrega um conjunto de diferentes interpretações da Literatura Brasileira, de como deveria ser pensada, escrita e divulgada.

A forma de reapropriação do patrimônio estrangeiro é algo que sempre foi motivo de discussão entre os intelectuais brasileiros. Na visão de Mário de Andrade, a politização sob forma nacionalista é um dos traços constitutivos das pequenas literaturas. No entanto, ao transfigurar a relação com a cultura escrita, ao examinar a tensão fundamental entre a afirmação das particularidades e o desejo universal, alertou-nos para a ficção de uma literatura emancipada de todas as ligações históricas e políticas, demonstrou que a Literatura Brasileira deve ser compreendida a partir da história do seu próprio espaço literário nacional e no seu diálogo permanente com o espaço literário de outras literaturas estrangeiras, essa foi a maior herança que esse notável escritor deixou ao Brasil literário de hoje.

Em suma, em tempos desencantadores de globalização, o nacionalismo universalista preconizado por Mário de Andrade em suas cartas permanece como uma forma de resistência, de manutenção de uma autonomia mínima do campo literário brasileiro, com sua aguda inteligência da modernidade, com a sua incansável disposição em se aventurar em diferentes campos do saber, Mário de Andrade antecipou, em seu

¹⁷LARBAUD, Valery. *Ce vice impuni, la lecture*. Domaine anglais. Paris : Gallimard, 1936. p.33-34.

diálogo epistolar com Drummond, muitas questões que ainda representam um desafio para os estudiosos da Literatura Brasileira. As cartas de Mário e Drummond certamente não encerram o debate, serão matéria prima para novos e produtivos diálogos.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Mário de. Carta-Aberta a Alberto de Oliveira-Resposta a Mário de Andrade. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, USP, n.23, p.93-101, 1981.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ANDRADE, Mário de. *Vida Literária*. São Paulo: Hucite: Edusp, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond & SANTIAGO, Silviano (ORGS). *Carlos & Mário: Correspondência entre Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-te-vim, 2002.

ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BETTIOL, Maria Regina Barcelos e HOHLFELDT (ORGS). *Euclides da Cunha, intérprete do Brasil: diário de um povo esquecido*. Porto Alegre: EDPUC, 2011. Disponível em <http://www.pucrs.br/edipucrs/>. Acesso em :25abril. 2016.

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. O colecionador Mário de Andrade e a defesa do patrimônio artístico nacional. In: *Revista Literatura & Debate Entre Textos e Partituras: Mário de Andrade e a Criação de uma Consciência Artística Nacional*. (ORG) BETTIOL, Maria Regina Barcelos e PORTO, Luana Teixeira, Frederico Westphalen, v. 9, n 16, p.57-68, Julho, 2015.

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. Mário de Andrade e a História da Literatura Brasileira: Um Convite ao Revisionismo. IN: *Anais do XI Seminário Internacional de História da Literatura: perspectivas e limiares em história da literatura* (ORG) MOREIRA, Maria Eunice [el al]. Porto Alegre: EDPUC, 2016. Disponível em : <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sihl/assets/2015/54.pdf>

BROCA, Brito. *A vida literária: 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

CANDIDO, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

CARELLI, M. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Tradução Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papyrus, 1994.

CARELLI, M & NOGUEIRA, W. *Le Roman brésilien, une littérature anthropophage au XX^e*. Paris : PUF, 1995.

Revista de Letras Norte@mentos

Estudos literários, Sinop, v. 11, n. 24, p. 21-33, jan./jun. 2018.

- CASANOVA, Pascale. *La République Mondiale des Lettres*. Paris :Seul, 1999.
- GILLES, Deleuze & GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris : Minuit, 1991.
- GOMES, Marisa e JOSÉ, Amilton. *O modernismo heroico dos anos 20 e o regionalismo dos anos 30*. Disponível em: <http://www.seara.uneb.br/sumario/alunos/marisagomeseamiltonjose.pdf>. Acesso em: 25abril.2016.
- LARBAUD, Valery. *Ce vice impuni, la lecture*. Domaine anglais. Paris : Gallimard, 1936.
- MOOG, Vianna. *Uma interpretação da literatura brasileira*. Um arquipélago cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Antares; Brasília: INL, 1983.
- MORAES, Marcos Antonio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: "Histórico e alguns pressupostos In: *Patrimônio e Memória*. UNESP, FCLAS; CEDAV, v.4, n.2, p.115-28, jn.2009.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz & STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GREEN AND YELLOW LETTERS: NATIONALISM AND UNIVERSALISM IN THE EPISTOLARY SPEECH OF MARIO DE ANDRADE AND CARLOS DRUMMOND

ABSTRACT

During his productive epistolary dialogue with the poet Carlos Drummond, we can observe that Mario de Andrade upheld a kind of interpretation of Brazilian literature that was different from that one advocated in the early twentieth century. In other words, Drummond lived in a dilemma between producing a "said national" literature that would favor only local aspects and following a model of Brazilian Literature inspired by other foreign literatures "said universal". Mario, on the other hand, upheld what he called "universalist nationalism" that was not limited only to uncritically imitate other foreign literatures but also adapted them to our cultural reality. For Mario, "Brazilianizing" our literature also meant enriching it with foreign contribution, trying to transform it consciously and creatively.

Keywords: Letters; Nationalism; Universalism; Interpretation.

Recebido em 30/11/2016.
Aprovado em 24/02/2017.